

DELIO CANTIMORI: ESCRITOS POLÍTICOS SOBRE A ALEMANHA. (1927 – 1940)

DELIO CANTIMORI: POLITICAL WRITINGS ABOUT GERMANY. (1927 – 1940)

Felipe Araujo XAVIER¹

Resumo: Esse artigo tem como objetivo abordar os escritos políticos de Delio Cantimori (1904-1966), entre 1927 e 1940, relativos à situação política e cultural alemã, enfatizando suas leituras sobre a *Konservative Revolution* e o nacional-socialismo. Baseado nesses escritos, o artigo pretende apresentar também como a consolidação do Nazismo interferiu no desequilíbrio político do continente europeu e na reinterpretação cantimoriana do fascismo, regime o qual, para o intelectual italiano, perdia sua áurea revolucionária ao se distanciar dos ideais corporativistas, implantar uma política militarista expansionista e aderir os princípios irracionalistas e racistas do nazismo. Esses fatores interferiram diretamente na dissidência de Cantimori, em meados da década de 1930, quando começava a desenvolver uma simpatia particular ao projeto político comunista.

Palavras-chave: Delio Cantimori; Fascismo; Corporativismo; Revolução Conservadora; Nacional-socialismo.

Abstract: This paper aims to approach the political writings of Delio Cantimori (1904-1966), between 1927 and 1940, about the German political and cultural situation, emphasizing his readings about the *Konservative Revolution* and National Socialism. Based on the writings, the article also aims to present as the consolidation of Nazism interfered in the political imbalance of Europe and in the cantimorian reinterpretation of fascism, political regime which, for the Italian intellectual, lost its revolutionary aura, distancing of the corporative ideals, implanting an expansionist militarist policy and adhering the irrationalist and racist ideals of Nazism. These factors interfered directly in the political dissidence of Cantimori, in the mid-1930s, when He developed a particular sympathy with the communist political project.

Keywords: Delio Cantimori; Fascism; Corporatism; Conservative Revolution; Nacional Socialism.

Pertencente a um período traumático aberto pela Primeira Guerra Mundial e permeado pela crise do liberalismo e pela contestação dos governos democráticos, aos vinte e três anos, Delio Cantimori já era um fascista entusiasta.

Nascido em 1904, na pequenina cidade de Russi, na região da Romanha, Cantimori cresceu em um ambiente político familiar marcado pelo republicanismo mazziniano e fez parte da primeira geração de estudantes universitários italianos formados em cursos superiores fascistas.

Em 1924, ao ingressar na *Università di Pisa*, junto à *Scuola Normale Superiore*, o intelectual romanholo desenvolveu seu interesse pelos estudos relacionados à

¹ Doutor em História – Programa de Pós-graduação em História – Departamento de História – UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora. Minas Gerais, MG – Brasil. E-mail: felipearaujoxavier@yahoo.com.br.

religiosidade, ao equilíbrio político europeu e à formação da Europa Moderna, tomando o paradigma idealista de seus professores Giovanni Gentile e Giuseppe Saitta como principal base interpretativa.

Sob a influência do ambiente universitário idealista atualista pisano, se inscreveu no Partido Nacional Fascista, acreditando ser este o órgão capaz de elevar ética e moralmente o povo italiano para realizar a verdadeira Revolução Republicana sindicalista europeísta de Mazzini e de Filippo Corridoni. (CANTIMORI, 1971, p. 285)

Nesse contexto, Cantimori começava a realizar suas pesquisas sobre a formação da Idade Moderna tendo como fio condutor o exame da trajetória de personagens históricos os quais – no juízo do estudioso – compartilharam, defenderam e praticaram uma religiosidade laica, imanente e herética a todas as confissões, pautados na ação político-religiosa concreta de transformação da estrutura social e mental, mas que tiveram seus planos reprimidos pelas atitudes conservadoras das igrejas, no período da Reforma e Contrarreforma.

Em consonância à tal temática, em 1928, Cantimori defendeu sua monografia, em História da Filosofia pela *Scuola Normale Superiore di Pisa*, sobre o cavaleiro e teólogo alemão, Hutten, publicada em 1930 com o título: *Ulrico von Hutten e i Rapporti tra Rinascimento e Riforma*.

Em 1931, o jovem estudante concluiu seu curso de *Lettere* na *Università di Pisa*, com sua *tesi di laurea* sobre a literatura e o Estado romântico alemão: *L'“Agnes Bernauer” di Friedrich Hebbel e la rappresentazione romantica dello stato*. (CANTIMORI, 1933 e 1934)

Seu interesse pela cultura, história, literatura e política alemã levou o estudante a despontar como um dos jovens intelectuais mais atentos às transformações as quais vinham ocorrendo na Alemanha, após o Tratado de Versalhes.

Em colaboração com a revista fascista *Vita Nova*, entre 1927 e 1931, Delio Cantimori redigiu um grupo de escritos sobre a situação política europeia, nos quais se encontram textos específicos, datados entre 1927 e 1928, sobre Cultura, Conservadorismo, Nacionalismo, Racismo e o Estado alemão, intitulados como *Germania giovane*.

Não obstante, no ano de 1929, Cantimori passou em um concurso para a Cátedra de História da Filosofia para liceus e se tornou professor no *Liceo Classico Dettòri di Cagliari*, onde se fixou até o final do ano letivo de 1931, quando recebeu uma bolsa de

estudos de seis meses para permanecer em Basileia pesquisando a história dos hereges italianos perseguidos e exilados durante o *Cinquecento*.

De volta à Itália, em 1932, como professor do *Liceo Classico Ugo Foscolo di Pavia*, Cantimori conseguiu uma nova bolsa para dar andamento às suas pesquisas, financiada pela *Fondazione Volta*, a qual lhe proporcionou a oportunidade de viajar e estudar em diversos lugares da Europa.

Dentre muitos países europeus, Delio Cantimori passou pelos Cantões suíços alemães, Áustria e Alemanha, absorvendo importantes informações sobre o universo espiritual do século XVI, a República Weimar e a ascensão do regime nacional-socialista.

Dessa maneira, ao mesmo tempo em que o intelectual se dedicava às suas pesquisas sobre o *Cinquecento*, também redigia resenhas – publicadas principalmente na revista *Leonardo* – e fazia traduções para a editora *Sansoni*, muitas vezes, referentes à cultura e à política alemã.

Com a erudição adquirida pelos estudos e viagens e apoiado pelo seu ex-professor Giovanni Gentile, em 1934, o estudioso romanholo começou a trabalhar no *Istituto italiano di studi germanici*, em Roma. Ali conseguiu maior respaldo para escrever textos relativos à história política alemã, o conservadorismo e a consolidação do nacional-socialismo, com o intuito de esclarecer melhor os eventos políticos vivenciados na Alemanha nazista e a influência destes na Itália fascista.

A partir desses estudos, Cantimori foi percebendo o fortalecimento da cultura espiritualista racista irracional nazista e a aproximação de Mussolini aos projetos militaristas e expansionistas de Hitler, decepcionando-se por completo com o regime fascista, agora visto como incapaz de realizar a revolução ético-moral, necessária para a formação espiritual do povo italiano.

Portanto, esse artigo tem como objetivo explorar os escritos de Delio Cantimori, entre 1927 e 1940, relacionados ao universo político alemão, ressaltando os parâmetros nos quais os estudos cantimorianos sobre a situação política e cultural na Alemanha se embasaram, em meio à ascensão e consolidação do nazismo, as suas consequências do fortalecimento do nacional-socialismo para o equilíbrio político europeu e como tudo isso interferiu na trajetória política e intelectual cantimoriana.

O conservadorismo alemão

Composto por integrantes unidos em prol de uma maior consciência nacional e pela hostilidade às decisões de Versalhes e aos princípios liberal-democráticos da República de Weimar, os conservadores alemães ao mesmo tempo em que lançavam propagandas nacionalistas pangermanistas e antisemitas, se voltavam com simpatia para o fascismo italiano e os projetos organizativos de uma sociedade corporativista. (PETERSEN, 1993, p. 821-822)

Em busca de entender melhor as ideias que impulsionavam aquela nova entidade política na cena europeia, a qual se dizia misturar preceitos revolucionários e conservadores, o estudante italiano buscou informações através das revistas conservadoras “(...) *Europäische Revue* de Rohan, da *Europäische Hefte* de Amburgo; da revista geopolítica de Haushofer, do semanal conservador alemão “Der Ring” (...) “Neue Schweizer Rundschau” de M. Rychner”. (CANTIMORI, 1965, p. 137)

Nesse contexto, periódicos de esquerda como *Weltbühne* de Carl von Ossietzky e Kurt Tucholsky, *Tagebuch* de Leopold Schwarzschild, *Sozialistische Monatshefte* de Rudolf Hilferding, *Aktion* de Franz Pfempfert, e o *Institut für Sozialforschung* de Frankfurt de Horkheimer, Adorno, Pollock, Benjamim, e a *Berliner Hochschuler für Politik* e weimarianos como *Berliner Tageblatt*, *Frankfurter Zeitung*, *Vossische Zeitung*, *Kölner Zeitung*, não chamaram atenção do jovem intelectual italiano. (PETERSEN, 1993, p. 821)

No entanto, a principal referência de Cantimori foi a *Europäische Revue* dirigida pelo Príncipe Rohan, intelectual com o qual promoveu um diálogo importante sobre o europeísmo fascista. De cunho conservador europeísta, essa revista foi fundada em 1925, sob uma concepção da nação como entidade substancialmente imersa na comunidade europeia, constituída através da consciência histórica e da civilização.

Segundo o intelectual italiano, seu diretor tratava realisticamente os pontos mais vivos na política internacional, permitindo enxergar como o espírito fascista correspondia ao novo espírito da juventude europeia, e compartilhava de perspectivas defendidas por líderes fascistas como Giuseppe Bottaiⁱ e Dino Grandiⁱⁱ. (CANTIMORI, 1991, p. 89)

Em consonância com o conservador alemão, o estudioso italiano citava suas palavras:

O sentido da vida das novas gerações é religioso e social. O seu nacionalismo é coletivista como o seu socialismo. Para uma solução da situação desesperada na qual se encontra a Europa moderna, necessita ver em qual ponto os dois mitos Nação e Classe entram em

colisão; Necessita-se ver em qual ponto os dois mitos Nação e Classe entram em colisão; ali podemos conquistar. Dali, podemos conquistar o século XX, procedendo friamente, sem invocar mitos entusiasmados. Desse ponto se deve partir para realizar na política a ideia corporativa e na política externa a ideia de uma ampla colaboração internacional. A nova consciência social pode criar uma forma de sociedade orgânicamente articulada, na qual o indivíduo permaneça fundamentalmente livre, mas que ao mesmo tempo surgia ligações que possam resolver criativamente, de um lado, a luta de classes, do outro, os conflitos internacionais.ⁱⁱⁱ (CANTIMORI, 1991, p. 88)

Para Delio Cantimori, o mito nacional seria um elemento aglutinador do Estado e o povo. Em um dos seus textos sobre a *Germania Giovane*, o intelectual ressaltava que na visão do conservadorismo alemão a nação, concebida como ente universal, se tornaria um dos mitos de devoção capaz de despertar o sentimento de pertencimento a “uma grande família de antiga nobreza, da qual conservar a honra, o nome e a potência”. (CANTIMORI, 1991, p. 43)

Como ratificou o projeto do historiador Mommsen, estudioso o qual buscou reconstituir a história do povo alemão como forma de retomada da consciência de si e estabeleceu narrativas com roupagens mitológicas, que ligaram as raízes alemãs aos Cimbros e Teutônicos, com objetivo de resgatar suas típicas características e reconstituir os seus ensinamentos. (CANTIMORI, 1991, p. 36-37)

Assim, ao tratar da concepção conservadora europeísta do Príncipe Rohan, Delio Cantimori construía analogias entre a situação política daquele contexto e o ideal europeísta do Renascimento e do *Risorgimento* italiano, defendendo a tolerância como modo de agir perante os homens de outra fé ou religiosidade. (CHIANTERA-STUTTE, 2007, p. 31-32)

Para o intelectual italiano, a tolerância foi um ponto essencial para o advento do pensamento moderno, herança deixada pelas experiências sofridas pelos hereges italianos do *Cinquecento*, personagens os quais defenderam a formação de uma nova sociedade pautada no pensamento racional laico e nas virtudes morais, mas que foram alvos de perseguições pelas igrejas das mais diversas confissões e do conservadorismo religioso, que teimavam em reprimir aquele que seria – na interpretação de Cantimori – o primeiro ato de ascensão espiritual, ético e moral do povo em direção à sociedade moderna.

Dessa maneira, a tolerância seria o instrumento fundamental para consolidar o Estado Ético moderno, acabar com as divergências entre as nações e as classes na

Europa e esvaziar as resoluções defendidas pela *Sociedade das Nações*, mantenedora do *Tratado de Versalhes* e dos interesses particulares de algumas poucas nações.

Em acordo com esta perspectiva, o modelo corporativo italiano se posicionava, para o intelectual romanholo, como o mais preparado para guiar a Europa contra o racismo e o nacionalismo agressivo pangermanista.

Segundo Cantimori, apesar de a Grande Guerra ter gerado o positivo desaparecimento do individualismo alemão, para construir o sentido da vida individual como parte da nação, ela também deixou o pangermanismo como herança negativa. (CANTIMORI, 1991, p. 42)

Esta propaganda racista, originalmente francesa – criação dos teóricos da eugenia como Gobineau e Lapouge –, teria atingido grande parte dos países europeus, obtendo forte aceitação na Alemanha, onde conectou um grande esforço na construção de um projeto no qual permitisse exaltar a estirpe, a raça e as eternas qualidades do seu povo, em dissonância com o continente. (CANTIMORI, 1991, p. 34 - 35)

Sendo assim, aos olhos de Cantimori, o pangermanismo seria um fator de degeneração da vida espiritual alemã e a Itália deveria permanecer sempre atenta na defesa do ideal fascista europeísta.

Somos muito seguros de nós, da nossa cultura e da nossa civilização para ter que estar sempre em guarda e em espanto perante os pangermanismos ou francofilias e assim por diante, e para temer o mais estreito contato com a vida dos outros povos. Sabemos que a atenção, a circunspeção e a prudência não são nunca demais, mas estes não devem se tornar preconceitos sobre os povos, sobre as nações, preconceitos que servem aos outros para escavar fossas ao longo das fronteiras e para elevar muros ao longo das pedras que marcam até onde a Itália chegou. Fossas e muros que isolam, impedem de ver, impedem de viver no mundo, enquanto no mundo, não mais em “casa”, que nós queremos e devemos viver, para obedecer ao comando do *Duce*.^{iv} (CANTIMORI, 1991, p. 39)

Junto ao pangermanismo, Cantimori ressaltou também a forte presença negativa do sentimento antissemita nesse movimento conservador alemão. Almejando tornarem-se os arautos do “genuíno espírito alemão”, muitos desses nacionalistas lutavam contra a figura judaica, vista como inimiga da nação e da religião alemã original, sendo o “pai do espírito unitário, abstratamente universalista, maçônico-democrático”. (CANTIMORI, 1991, p. 27 – 28)

(...) o grande inimigo dessa gente são os hebreus, pais naturais do *livre pensamento* e assim hostis à genuinidade do sentimento religioso

desse povo, que, depois da derrota [na I Guerra], sente, na sua parte mais elevada, que só com uma alma profundamente religiosa poderá restituir a nova grandeza.” (CANTIMORI, 1991, p. 28)

Como o jovem intelectual apresentou, o antissemitismo alemão vinha das execuções de judeus durante a Idade Média, passando pela resistência à defesa de F. Melâncton em relação aos livros judeus, chegando até a metade do século XIX, quando as leis antissemitas começaram a ser abolidas e os judeus inseridos na sociedade alemã para se tornarem, no início do século XX, a “parte mais empreendedora, mais ativa, e então mais rica, potente e brilhante”. (CANTIMORI, 1991, p. 30 - 31)

Na interpretação de Cantimori, além da propagação negativa dos ideais racistas, os conservadores alemães também faziam disseminar sua mentalidade arraigada na crença da sucessão de gerações a serviço de um único pensamento: a nação no construir das suas histórias. Eles viam que “enquanto homens nascidos em um dado tempo, nós devemos sempre e somente prosseguir aquilo que outros começaram” e não interromper esse processo. (CANTIMORI, 1991, p. 39 – 40)

Remoendo a perda da grandeza de sua nação no pós-guerra, esses intelectuais alemães buscavam respostas no campo religioso para confortar o povo e impulsionar a Alemanha em direção ao renascer do progresso.

Acusavam Hegel, Fichte e Treitschke de liberalismo ou progressismo e defendiam nomes como Novalis, Arnin, Görres, U. Brentano, os místicos românticos, A. Müller e F. Schlegel, os quais viam na disciplina e na hierarquia jesuítas os meios de salvação da Alemanha contra as desagregadoras ideias cosmopolitas, progressistas e liberais difundidas pelo movimento revolucionário napoleônico. (CANTIMORI, 1991, p. 38-39)

No juízo cantimoriano, o filósofo romântico Schlegel seria o alicerce do pensamento conservador alemão, ao defender o Estado teocrático monarquista e legitimar a Santa Aliança, vendo na fé religiosa a verdadeira força do Estado.

Ressaltava também a diferença entre os velhos e os jovens conservadores os quais queriam a “renovação da sua nação por dentro dela, sem nenhuma força exterior ou artificiosa sobreposição de antigos e novos mundos, de ideais do passado sobre aqueles presentes”. (CANTIMORI, 1991, p. 64)

Os antigos conservadores, os quais dividiam espaço com os liberais no governo da República de Weimar, após a I Grande Guerra, com o intuito de defender a manutenção das instituições e atitudes históricas, se tornaram alvos das críticas de Cantimori.

Segundo o estudioso romanholo, com a ruína das instituições estatais, pela guerra e pela revolução, o Estado teria seu valor diminuído à expressão de fatores econômicos e jurídicos, tornando-se instituição acessória de caráter administrativo, desnecessário para a formação da nação, e racista ao exercer uma “tola exaltação das qualidades e acusação dos defeitos dos povos”. (CANTIMORI, 1991, p. 43)

Na visão de Cantimori, dentro desse exercício de combate dos velhos parlamentares e seus partidos, os jovens se voltavam para o fascismo – especialmente no período de sua formação – como método de ação para implantação de um nacionalismo em ato, afirmação prática e real da vida nacional.

Dessa maneira, o primordial seria a promoção de uma rebelião da juventude em relação a todos os partidos enquadrados em programas parciais e unilaterais, entrando em contato com o povo para que este desenvolvesse fé na nação, em detrimento das democracias decadentes. Assim, entre críticas ao pangermanismo racista alemão e surpresas positivas e negativas, como colaborador da revista *Vita Nova*, Cantimori via no projeto dos jovens conservadores a construção do renascimento nacional alemão. (CANTIMORI, 1991, p. 48 – 49)

Corporativismo, Revolução Russa, Karl Marx e o pensamento conservador antiburguês alemão

Durante boa parte da década de 1930, Delio Cantimori permaneceu fiel à sua crença no Estado Corporativo Ético como a “terceira via fascista”, acreditando ser o único projeto oposto ao decadente liberalismo democrático, superior ao modelo socialista soviético e capaz de formar civil e eticamente a sociedade italiana e europeia, de maneira que as elites e as massas se unissem em prol da tão almejada Revolução Republicana mazziniana. (CANTIMORI, 1971, p. 285)

Naquele contexto, o filósofo e também ex-aluno de G. Gentile, Ugo Spirito, se despontava como um dos principais estudiosos italianos sobre a economia e o corporativismo.

Ugo Spirito acreditava que o fascismo teria sido o único regime a solucionar os problemas mais essenciais das sociedades contemporâneas ao reconhecer os sindicatos juridicamente e igualar o capital e o trabalho, superando o socialismo soviético. Entretanto, para o filósofo, as nações prósperas seriam aquelas capazes de incorporar os

princípios econômicos da URSS e não daquelas que os negassem. (SPIRITO, 1933, p. 14 – 15)

Em consonância a esses ideais, em 1932, no *II Convênio de estudos sindicais e corporativos*, em meio aos principais estudiosos italianos do corporativismo, Spirito defendeu sua tese apresentando o conceito de “corporação proprietária” ou “corporativismo integral”, na qual propunha a fusão entre o capital e o trabalho através da concentração da propriedade dos meios de produção nas mãos das corporações, com o intuito de unir o indivíduo e o Estado e superar o comunismo de uma vez por todas. (PARLATO, 2002, p. 660)

Essa teoria econômica, a qual veio ser acusada de bolchevista pelos fascistas mais ortodoxos, foi muito bem recebida por Delio Cantimori ao alimentar seus ideais antiburgueses e sua crítica ao liberalismo. A partir disso, o intelectual romanholo se tornou um atento admirador da Revolução Russa.

Certa admiração e estima que alguns entre os mais inteligentes e brilhantes escritores do Fascismo demonstram pelos modos e o desenvolvimento da Revolução russa, derivam próprio de um aborrecimento estático pela pompa de certos comportamentos nossos e da admiração pela segurança com a qual os comunistas russos se proclamaram e se mostraram revolucionariamente intransigentes, sem se referir à princípios mais ou menos imortais no passado.^{vi} (CANTIMORI, 1991, p. 114 – 115)

Nesse contexto, o pensamento econômico de Ugo Spirito, unido ao contato com o “vigor dialético” da teologia da crise de Karl Barth, (CANTIMORI, 1991, p. 147) – realizado quando pesquisava em Basileia – fizeram com que Cantimori direcionasse mais atenção para obras as quais se referiam, direta ou indiretamente, ao pensamento marxista e as ideias de Karl Marx.^{vii}

Em 1933, o intelectual italiano redigiu uma resenha sobre o livro *Geschichte des Bolschewismus* do historiador marxista alemão Arthur Rosenberg, obra a qual, na leitura de Cantimori, teria sido “a primeira história política da revolução russa (...) não apologética” pautada em um forte realismo e dotada de um grande esforço pela obtenção da verdade, onde foi apresentada a relação entre o pensamento de Marx e a ideologia bolchevique, destacando a influência espiritual de F. Höelderlin na juventude alemã, a ligação com o hegelianismo de esquerda e os movimentos revolucionários iniciados na Reforma Protestante. (CANTIMORI, 1991, p.137 – 138)

Segundo Cantimori, para Rosenberg a decadência do marxismo na União Soviética ocorreu com a morte de Lênin e os conflitos entre Trotsky e Stalin, o que

levou o país à um “capitalismo de Estado fundado sobre trabalhadores e camponeses, onde burocracia governante mantém as duas classes principais”. (CANTIMORI, 1991, p.138 – 141)

Entretanto, na leitura do intelectual italiano seria inconcebível que aquele “(...) bolchevismo seja a única forma possível de atuação das aspirações proletárias”, diante do fortalecimento e destaque do corporativismo fascista. (CANTIMORI, 1991, p.141)

O intelectual italiano ainda lançou uma nova resenha sobre as edições de *Das Kapital* e *Der historische Materialismus, die Frühschriften*, feitas por Karl Korsch, o qual, no juízo de Cantimori, seria um dos mais hábeis estudiosos do assunto, capaz de liberar o Capital de todos os preceitos doutrinários, propagandistas e pseudocientíficos presentes em várias outras edições.

Cantimori se interessaria pelos primeiros escritos de Marx, ressaltando a presença de um texto inédito sobre economia, política e filosofia, partes ainda não editadas de *Deutsche Ideologie* e do *Nationalökonomie und Philosophie*, texto no qual fica clara a relação entre o pensamento dialético de Marx e Hegel. (CANTIMORI, 1991, p. 152 – 153)

Confiante no Estado Ético fascista e envolvido nesse processo de estudo sobre o marxismo e o bolchevismo, Cantimori começava a remodelar sua análise crítica do regime nazista, chamando a atenção para a complexidade da *Konservative Revolution* através de obras e autores como Hugo Fischer e Ernst Jünger e a suas leituras sobre as relações entre as ideias antiburguesas de Karl Marx e Friedrich Nietzsche.

Do ponto de vista doutrinário, no juízo de Cantimori, o mais notável na obra de Hugo Fischer, *Nietzsche Apostata*, seria o exame da ancestralidade do pensamento nietzschiano e seus diálogos com a vida cultural e política, assegurando uma parentela entre as ideias de Nietzsche e Maquiavel. (CANTIMORI, 1991, p. 155)

Não obstante, o intelectual italiano se deteve às características as quais, para Cantimori, distinguem o trabalho do alemão do panorama geral da literatura nietzschiana contemporânea: a leitura de K. Marx e F. Nietzsche como os principais intérpretes do século da decadência.

Embora suas críticas fossem direcionadas para aspectos diferentes – F. Nietzsche reforçava sua *kulturkritik* e K. Marx lançava seus diagnósticos sobre a economia – ambas as leituras carregavam a mágoa de espíritos sensíveis à decadência de seu tempo, percebida como necessária para uma nova ascensão. (CANTIMORI, 1991, p. 155 e 157)

Segundo Cantimori, uma perspectiva análoga foi oferecida pela obra de Ernst Jünger, *Der Arbeiter, Herrschaft und Gestalt*, (CANTIMORI, 1991, p. 220), a qual expunha o universo alemão onde “as diferenças entre reação e revolução fundem-se de modo estranho, aflorando teorias nas quais os conceitos “conservador” e “revolucionário” são identificados, desesperadamente”. (JÜNGER, In: CANTIMORI, 1991, p. 165)

Nesse ambiente, Jünger professava o surgimento de uma “nova aristocracia” do “trabalhador” de perfil nietzschiano, soldadesco e ascético (CANTIMORI, 1991, p. 167) semelhante à representação de “nova aristocracia operária” construída por Sorel. (CANTIMORI, 1991, p. 210)

O “Arbeiter” de Jünger não é de fato o “trabalhador” das várias formas de socialismo, utópico ou científico, nem o “operário” organizado. É, ao invés, o “militar do trabalho”, o asceta construtor de uma nova sociedade, a qual renuncia a cada sentimento pessoal e a cada motivo de ação individual, e sua atitude, perante os outros homens, e sua conduta geral, podem ser comparadas somente com aquelas do “soldado” e do “militar”, como se apresentado especificamente na última época mais mecânica da guerra mundial.^{viii} (CANTIMORI, 1991, p. 209)

Essa entidade, em certos aspectos, nietzschiana, se apresentava como devota de potências arcanas e aos seus líderes, iluminada por meditações místicas, aspirante ao universal como representante de uma realidade superior, oposto à visão burguesa frágil e incapaz de ascender à totalidade. (CANTIMORI, 1991, p. 209 – 213)

O “burguês” é visto com desprezo porque é o homem que “assume a segurança como um dos valores supremos e, como consequência, determina seu modo de viver”. É um homem decadente e vil desprezado por Nietzsche, por Marx e pelo Junker Otto von Bismarck.^{ix} (CANTIMORI, 1991, p. 170)

Sendo representado como o filósofo mais importante da corrente nacional-socialista simpática ao bolchevismo, Jünger se tornou uma das referências para o universo nacional-socialista e, em especial, para o radicalismo político dos irmãos Strasser, intelectuais e líderes políticos que combinavam o socialismo e o nacionalismo a uma afinidade manifesta em relação à Revolução Russa e às transformações econômicas aplicadas na União Soviética.

Reflexões críticas sobre a Konservative Revolution e o nacional-socialismo

Como ressaltou Nicola D’Elia, a vitória do partido nacional-socialista na Alemanha, em 1932, despertou o interesse da imprensa e da intelectualidade italiana. Este evento alimentou um forte debate sobre a razão pela qual o povo alemão teria preferido o NSDAP em meio a tantos outros partidos de orientações nacionalistas que também defendiam a revisão do Tratado de Versalhes.

Sumariamente, de um lado, havia aqueles os quais acreditavam assistir a formação de um país inspirado nos fundamentos ideológicos do fascismo; do outro, se levantava uma série de dúvidas sobre a relação entre Itália e a Alemanha racista antisemita, nutrindo uma rivalidade ideológica entre os dois regimes totalitários. (D’ELIA, 2007, p. 61)

A revista dirigida por G. Bottai, *Critica Fascista* – uma referência para Cantimori –, foi um dos principais órgãos italianos de informação a direcionar a atenção para esse episódio político, com a intenção de decodificá-los para decifrar as características particulares das quais a identidade do partido nacional-socialista foram constituídas, a fim de fazer uma comparação mais concreta com o Fascismo italiano.

Com o artigo de Gustav Glaesser, *La lotta fra razzismo e universalismo nella Germania di oggi*, publicado em 1931, o partido nacional-socialista começava a ser visto não apenas como um movimento político, mas também como uma “visão do mundo (Weltanschauung)”. (D’ELIA, 2007, p. 62)

Reforçando essa leitura, o colaborador do periódico, Mario Da Silva, afirmou que o partido nacional-socialista extrapolava o limite de um movimento político e portava consigo uma “orgânica concepção da vida política no geral e dos destinos políticos da nação alemã em espécie, ou seja, para dizer à maneira alemã, de uma *Weltanschauung*, uma visão do mundo” e enfatizou o núcleo fundamental racista do NSDAP, o qual embasava o conceito de nação nacional-socialista, diferente do ideal fascista e sua nação “como máxima espiritualidade, comunhão de sentimento, pensamentos, ideais, costumes, etc”. (DA SILVA, 1932. apud. D’ELIA, 2007, p. 62)

Em contraposição, intelectuais como Valentino Piccoli, reforçaram as semelhanças entre os governos alemão e italiano. Para Piccoli, o nacional-socialismo despontava como um dos primeiros passos para a concretização do “fascismo universal”, segundo o qual as diferenças seriam geradas pela adaptação dos preceitos políticos do regime de Mussolini às particularidades da nação alemã. (D’ELIA, 2007, p. 63)

Como visto, por parte de Cantimori, esse exercício de análise do universo político alemão já vinha sendo feito desde 1927. Entretanto, como afirmou Roberto Pertici, desde a morte de Gustav Stresemann^x, em 1929, até a vitória NSDAP, em 1932 – momento no qual a política alemã vivenciava a formação de uma nova conjuntura e o nacional-socialismo se tornava um dos assuntos mais importantes nas discussões em relação à política internacional italiana –, encontramos uma lacuna nos escritos políticos cantimorianos publicados sobre esta temática em específico. (PERTICI, 1997, p. 69-70)

Em busca de tapar esta fenda, D’Elia se deparou e utilizou o texto datilografado intitulado “Nazis”, no qual Cantimori examinou as vitórias eleitorais do NSDAP e as reações da imprensa italiana que, segundo o intelectual romanholo, deveria defender a construção concreta de políticas de aliança e cooperação entre os dois países, não apenas discursos voltados a uma possível simpatia e semelhança ideológica entre o nacional-socialismo e o governo fascista. (CANTIMORI. In: D’ELIA, 2007, p. 123)

Nesse texto, Delio Cantimori também defendeu uma maior investigação sobre o movimento nazista, ressaltando a necessidade de trazer algumas “notícias sobre as ideias, ideologias, a história do NSDAP (Partido nacional-socialista Alemão dos Trabalhadores)”, começando pelo resgate histórico da formação do nacional-socialismo, ligado ao antiliberalismo de Moeller van den Bruck, as bases teóricas racistas de D. Eckart e Alfredo Rosenberg, a defesa de uma nova religião nórdica neopagã por Guido von List e a presença do mito do Terceiro Reich.^{xi} Essencialmente, também reforçou as diferenças entre os regimes e defendeu a superioridade do Estado Corporativo Ético italiano como a via de superação do capitalismo. (CANTIMORI. In: D’ELIA, 2007, p. 123 – 129)

Em 1933, ainda em viagem pela Europa, em busca dos rastros dos hereges italianos na cultura europeia do *Cinquecento*, Cantimori já levava a bagagem intelectual e política de sua estadia em Basileia, a qual abria seus olhos para o uso da teologia como chave interpretativa do universo político alemão e para o recorrente apelo nazista ao intolerante irracionalismo espiritualista e racista a fim de agitar os instintos das massas e unificar a nação. (CANTIMORI, 1991, p. 203)

No mesmo ano, Cantimori escreveu uma importante resenha a respeito da obra do judeu Conrad Heiden, *Geschichte des Nationalsozialismus*,^{xii} referindo-se particularmente ao nacional-socialismo. Preocupado com o tom teológico e ideológico dos escritos os quais vinham abordando o regime nacional-socialista, estimulado pelo próprio projeto nazista, nesse texto, o intelectual italiano elogiou a importância desse

trabalho embasado em fontes de primeira mão, classificando-o como a “(...) melhor obra histórica e crítica e não apologética ou propagandista que se tem sobre o assunto”. (CANTIMORI, 1991, p. 143)

Entretanto, também ressaltou suas deficiências, realçando a unilateralidade da obra, suas críticas demasiadamente corrosivas à personalidade de Hitler e, principalmente, a concepção abstrata referente às forças partidárias nacional-socialistas, questões as quais teriam levado Heiden a negligenciar elementos ideológicos essenciais do nazismo.

Segundo Cantimori, a história do NSDAP seria vista como um elemento interno à formação de um “Estado no Estado, desligando-o do desenrolar dos últimos dez anos da história alemã, descuidando-se dos elementos espirituais que conduziram os jovens desse partido e os escritores do nacional-socialismo”. (CANTIMORI, 1991, p. 142-143)

No juízo de Cantimori, seria fundamental reconhecer o valor das ideias e obras dos irmãos Strasser, os quais, animados por uma forte simpatia pela Revolução Russa e seu caráter nacional, (CANTIMORI, 1991, p. 170-172) se empenharam no encontro entre socialismo e nacionalismo, e que tiveram suas ideias e obras diluídas por Heiden no campo das suas ações político-partidárias gerais. (CANTIMORI, 1991, p.143)

Naquele momento, o intelectual romanholo classificava o nacional-socialismo ainda como “Confuso e turvo movimento, herdeiro espiritual do pangermanismo racista pré-guerra, e do estadismo romântico”, incapaz de realizar na Alemanha a síntese do Estado Ético italiano. (CANTIMORI, 1991, p. 144)

Adolf Hitler era visto como o

(...) guia do maior partido da Alemanha, mas não do partido que ele queria... Assim, se poderá duvidar se o Nacional-socialismo será capaz de conseguir aquilo que o Fascismo conseguiu imediatamente: a formação de um Regime. Isto é, de uma potência estatal sustentada pelas forças determinadas pela Nação.^{xiii} (CANTIMORI, 1991, p. 145)

Para esclarecer as questões negligenciadas pelo livro resenhado de Heiden, em abril de 1934, em Zurique, Delio Cantimori escreveu um texto com a intenção de publicá-lo nos anais do *Archivio di studi corporativi*, intitulado *Note sul Nazionalsocialismo*, no qual propunha uma análise das diversas facetas da *Konservative Revolution*, ressaltando a pluralidade ideológica dentro do movimento hitlerista. (CANTIMORI, 1991, p.163)

Dessa maneira, Cantimori apresentou uma narrativa analítica do percurso histórico e ideológico do NSDAP, reascendendo a possibilidade de uma ligação entre o

nacional-socialismo, as reformas sociais, as ideologias prussianas e pangermanistas e as teorias racistas e antisemitas, as quais, na Alemanha, tiveram terreno fértil e reivindicaram valor universal de *Weltanschauung*. (CANTIMORI, 1991, p.163)

Agora, não se pode ainda distinguir claramente se o sentimento nacional desencorajado e ofendido dos alemães tenha tido ou ainda tenha, na Revolução nacional-socialista, uma função preponderantemente maiêutica a respeito desse desejo de reforma social, dessa necessidade de reconstrução política e de afirmação de uma nova “*Weltanschauung*”, ou se todas estas afirmações, expectativas, esperanças e projetos estejam em função, principalmente, da retomada nacionalista e expansionista da Alemanha, da sua “*revanche*”. Nem se pode ainda discernir com precisão se o fervor de renovação social e nacional esteja simplesmente em função ideológico-propagandista de uma reação do capitalismo industrial-agrário alemão ao impulso de conquistas operárias e populares dos últimos dez anos, reação a qual se fundamentaria com o motivo de reivindicação nacionalista perante as outras potências europeias, ou se, por sua vez, os motivos nacionais e tradicionais escondem um destaque completo e total da concreta tradição histórica da Alemanha moderna, bismarckana-guilhermina, prussiana.^{xiv} (CANTIMORI, 1991, p.164)

Não obstante, o estudioso romanholo advertiu que o NSDAP acolheu as mais variadas tendências políticas alemãs críticas à ordem social existente em defesa da afirmação do ideal *völkisch*, popular racista. (CANTIMORI, 1991, p.167) Entretanto, no transcorrer do seu desenvolvimento, algumas dessas tendências se desvencilharam, em especial, a mais radical representada pelos irmãos Strasser.

Segundo Cantimori, Georg Strasser, a princípio amigo de Goebbels, teria reconhecido a importância histórica do partido socialista alemão e da velha socialdemocracia, mas se voltou contra a inépcia revolucionária dos seus líderes. O político alemão também teria desenvolvido uma forte afinidade com os soviéticos e o caráter nacionalista da Revolução Russa, defendendo uma autarquia econômica e uma nacionalização corporativa da produção, posicionando-se contra o capitalismo explorador, que buscava desfrutar das forças populares nacionais.

Por sua vez, a partir de um sistema teológico ligado à filosofia da história, Otto Strasser teria fundado uma nova época socialista-nacional-idealista, na qual a primeira exigência era a eliminação da propriedade privada dos fundos e terrenos, das riquezas do subsolo e dos meios de produção. (CANTIMORI, 1991, p.172)

Para Cantimori, mesmo com o desligamento dos Strasser, suas ideologias conservaram forte influência sobre a multidão de militantes nacional-socialistas,

ganhando grande espaço entre as reflexões de jovens militantes nazistas, em especial da Sturmabteilungen (S.A.). (CANTIMORI, 1991, p.169 e 174)

Delio Cantimori ainda explorou o ambiente cultural alemão, reafirmando a forte presença da teologia na construção do pensamento das vertentes políticas presentes naqueles anos.

Era natural que na Alemanha, país teológico, e a na Alemanha do pós-guerra, rica em seitas, de novos misticismos, de movimentos sentimentalistas e irracionais, talvez somente como nos anos que acompanharam e precederam a violenta manifestação religiosa luterana de necessidade de renovação e de reforma da vida social, no geral, e especialmente eclesiástica em particular, que esse contraste assumisse forma e aspecto teológico e religioso.^{xv} (CANTIMORI, 1991, p. 182)

Dessa constatação, Cantimori pontua o nascimento do socialismo espontâneo e utópico romântico, no interior da S.A., como religiosidade racista de ímpeto missionário em defesa da raça pura, na qual a divindade era a nação, não mais o Deus cristão, seu caráter revolucionário e sua ligação com as ideias defendidas pelos irmãos Strasser. (CANTIMORI, 191, p. 184-185)

Dessa maneira, as características do povo deveriam ser desenvolvidas por vontade divina e, logicamente, no interior dessas sociedades. Seria necessário realizar uma nova comunidade de vida social, um socialismo de coração, dotado de uma igualdade interior capaz de superar as diferenças sociais. Para atingir esses objetivos, na visão nacional-socialista, tornava-se necessário combater os “corruptores judeus” ligados ao racionalismo liberal negador da mística realidade “völkisch”. (CANTIMORI, 191, p. 186-187)

Cantimori ainda reafirmava a presença dos ressentimentos sociais como justificativa da existência de teorias racistas e o necessário combate ao ideal burguês, vistos como obstáculos à concretização dos preceitos político-religiosos nacional-socialistas de implantação da unidade e elevação do povo alemão.

Dadas as teorias racistas e as suas consequências “socialistas”, as manifestações de sentimentos e ressentimentos sociais deviam necessariamente dirigir-se contra o “estrangeiro” “burguês” (como vem sempre revelado na propaganda oficial nacional-socialista) ou “dissolvente da unidade völkisch” e então, em substância, obstáculo à realização do “*deutsches Sozialismus*”. Resumidamente, o antissemitismo alemão de hoje é, na sua substância, uma das formas que aqui não julgaremos, com as quais se manifestam, seja ainda que redirecionadas, através linhas mortas, as aspirações e os

ressentimentos sociais na Alemanha atual, nacional-socialista.^{xvi}
(CANTIMORI, 1991, p. 187)

Não obstante, após cerca de três meses da redação desse artigo, junto à intelectualidade e à classe política europeia, Delio Cantimori assistiu a dois eventos que trouxeram a sensação de instabilidade para o continente e o sentimento da eminência de uma nova concorrência armamentista: o assassinato do ditador austríaco Englebert Dolfuss, aliado de Mussolini, e a “Noite dos longos punhais”, expurgo no qual teve como alvo principal os membros stasserista da S.A. (PERTICI, 1997, p. 73-74)

Esses eventos estremeceram ainda mais a confiança do romanholo em relação à mentalidade irracional religiosa, a intolerância do regime hitlerista e seu viés belicoso pangermânico.

Dessa maneira, meses depois de ter redigido seu texto, prestes a ser impresso pelo *Archivio di Studi Corporativi*, o intelectual italiano sentiu-se na obrigação de improvisar uma nota esclarecedora sobre os limites de sua interpretação, perante aqueles estarrecidos episódios. (SIMONCELLI, 1997, p. 144)

Nessa referência, Cantimori veio a classificar o massacre da S.A. como a representação da vitória do elemento “militar reacionário” sobre o ideal revolucionário:

Relevo ainda o caráter informativo e destacado dessas rápidas notas; permiti-me recordar fatos conhecidos geralmente com o escopo de esclarecê-los melhor. Estas notas foram escritas em abril de 1934; mas penso que podem servir também depois dos acontecimentos de trinta de junho de 1934 na Alemanha. A sua interpretação mais provável nos parece esta: que em substância trata-se de uma vitória do elemento militar (*Reichswehr*) e “reacionário” sobre aquele revolucionário, acompanhado de hábeis golpes contra o porta-voz da “Reação” e do saldo de velhas contas, e inalterados restando muitos velhos motivos ideológicos e propagandísticos, como a fé no “Führer” Hitler.^{xvii}
(CANTIMORI, 1991, p. 191)

Nos seus escritos posteriores, Cantimori vai reafirmar o sucesso do nazismo entre as massas como fruto do seu caráter irracional, indeterminado e ambíguo, pautado nos apelos à emoção do público, desfrutando da mentalidade teológica difundida na política na Alemanha, (CANTIMORI, 1991, p. 258) ainda que colaborando com o *Dizionario Politico* fascista, publicado em 1940, com diversos verbetes cantimorianos sobre a história política alemã.

Na consolidação da sua ortodoxia, o nazismo se fortaleceu como um regime no qual a *Weltanschauung* é acrítica e intolerante, fundada na irracionalidade, na consciência sintética, definida como uma intuição do mundo de caráter estético-

contemplativo e anti-intelectual, unificado em uma nova concepção ético-racial que deu base ao mito racial do povo alemão. (CANTIMORI, 1991, p. 468-470)

O combate ao irracionalismo propagandista nazista e fascista

Logo após o assassinato coletivo dos membros da S.A., Cantimori resenhou o escrito de Ernesto Codignola, *Il rinnovamento spirituale dei giovani* – documento típico de um fascismo “liberal”, defensor da liberdade de imprensa e opositor do controle político da cultura, (PERTICI, 1997, p. 74) – obra a qual, no juízo do intelectual romanholo, na sua primeira leitura poderia gerar comoção nas pessoas as quais vivenciavam a consternação dos “atuais ‘renascimentos’ reacionários camuflados sob os grandes nomes: revolução, povo e renovação”. (CANTIMORI, 1991, p. 192)

Delio Cantimori afirmava que “junto aos mais diversos escritos de propaganda nacional-socialista e racistas”, a primeira impressão seria a necessidade de um maior equilíbrio e bom senso de Codignola frente “ao transbordamento de monstruosidades as quais se pode assistir hoje na Europa”.

Naquela situação, muitas seriam as objeções vindas dos “reacionários que escrevem e pregam na nova Alemanha”, das quais os italianos precisariam desenvolver a atenção e a crítica, “não menos que sobre os tolos antissemitas e racistas fanáticos”, os quais aparecem frequentemente muito mais decididos e coerentes nos seus argumentos. (CANTIMORI, 1991, p. 194)

Nessa situação, Cantimori chamava a atenção para a necessidade do combate de uma *Weltanschauung* através de outra *Weltanschauung* e, contra uma contaminação ideológica, retomava os preceitos ideológicos gentilianos de ligação íntima entre a ética e a política. (PERTICI, 1997, p. 74 – 75)

Nesse quesito, no juízo do intelectual romanholo, E. Codignola não seria “bem decidido na afirmação da superioridade da ética à política ou da redução da política à ética, pela qual cada pessoa é chamada a participar da vida política”, negligenciando a batalha, com armas racionais e intelectuais, contra tudo que possa ser estranho e sem valor para a consolidação da cultura. Dessa maneira, o ideólogo fascista Codignola abriria uma brecha para os sofismas adversários e para a formação de uma literatura apologética propagandista pueril e conservadora capaz de atingir o grande público. (CANTIMORI, 1991, p. 194-195)

Às vezes, ao ler certa literatura política ou pseudopolítica, mas não por isto menos difusa, menos lida e menos absorvida pelos ignaros, dá uma violenta tentação de deixar de nos ocupar desse tipo de gente que não vale nada, que confunde o interesse dos homens de cultura de vida nacional com aquele *nationales Kitsch*, que o habilíssimo ministro Goebbels já proibiu faz muito tempo, desses seres anacrônicos, dessas “meias culturas”. Mas depois, vagamos pelas ruas, vemos estes escritos nas livrarias, nos quiosques das estações, os vemos lidos por jovens, os vemos, às vezes, discutidos com seriedade e então pensamos que qualquer coisa deva existir debaixo daquelas avalanches de palavras e de insolências, sob aquelas evocações de costumes passados, sob aquelas exaltações dos misticismos frios. Qualquer coisa de não bem definido, nem definível, que sobre as aparências rústicas e ingênuas, faz o seu caminho mais e mais e unge. O filósofo talvez o reduzisse à irracionalidade, o político o chamaria reação, mas na verdade não se sabe bem que coisa é. Mas o perigoso é certamente a sutileza com a qual sabe sempre colocar os seus adversários na situação de acusados, como mornos, incertos, “bestas intelectuais”, perante a sua teocrática segurança de fé, o seu entusiasmo aquecido ao máximo, proclamado descaradamente. Rudemente sim, mas não ingenuamente, e com uma consequência de decisão, com uma vontade permanente, embora não clara, que não se deve negligenciar e nem desvalorizar. Atrás dos entusiasmos pela aristocracia e pela teocracia de Adamo Muller está também o secretário de Metternich. Adam Mueller era rude e ingênuo, embora soubesse despertar o entusiasmo das damas nas saletas, mas Metternich era hábil e forte, e era também um sábio e grande político. Não basta ter mostrado a inutilidade do argumento do adversário, porque o adversário não existe mais. Especialmente quando este adversário oferece argumentos fáceis e lisonjeiros à preguiça das massas e aos temores e aos rancores dos indivíduos.^{xviii} (CANTIMORI, 1991, p. 195)

Por essas questões, Cantimori alegava a necessidade de um maior controle das informações, defendendo uma “liberdade de publicação” mais racional, a fim de combater uma realidade ideologicamente criada nos jornais, revistas e livros, (CANTIMORI, 1991, p. 196) como no caso da tradução italiana de *Mein Kampf*.

Não obstante, no mesmo ano de 1935, já tomado pelo clima de aproximação entre Mussolini e Hitler, o intelectual redigiu uma áspera resenha sobre a versão italiana da “Bíblia política Nacional-socialista”, ressaltando seus cortes em traduções também em outras línguas, o que, no caso italiano, reduziu a versão à metade. (CANTIMORI, 1991, p. 306 – 307)

Nessa resenha da obra *Mein Kampf*, Delio Cantimori enfatizou a presença de um discurso sobre a propaganda, no qual Hitler expõe suas ideias em relação à difusão dos preceitos nazistas e o apelo aos sentimentos e aos instintos, com o objetivo de movimentar as massas.

Segundo o intelectual italiano, nessa obra, defendia-se que toda publicidade deveria ser popular e o seu nível de complexidade medido com base na capacidade de compreensão das mentes mais limitadas entre todos aqueles passíveis de serem atingidos. Deveriam também ter caráter unilateral, sem se preocupar com a verdade objetiva, servindo apenas à própria verdade defendida. O exame dos vários direitos não deveria ser o foco, mas, sim, a implantação exclusiva daquele direito pelo qual a propaganda é feita. (CANTIMORI, 1991, p.308)

Tendo sido a própria tradução um exercício ideológico-propagandístico, sua tendenciosa busca pela eficácia teria retirado questões fundamentais dos preceitos nazistas, como sua essência racista e a maneira nacional-socialista de se comportar diante dos outros partidos alemães. (CANTIMORI, 1991, p. 309 – 310)

Sendo assim, Delio Cantimori levava para o campo da tradução, o exercício positivo da análise filológica como ferramenta de entendimento político e histórico, a fim de desvendar as práticas propagandistas ideológicas tão presentes na cultura alemã, permeada pelo irracionalismo teológico, tão acionado pelas estratégias nazistas de manipulação.

Dessa maneira, o intelectual romanholo concluía que

A tradução do livro de um autor famoso é sempre coisa difícil, mas quando este autor é um homem político, vivo, em uma posição política excepcional, a coisa torna-se ainda mais difícil e delicada. Logo, torna-se delicadíssima, quando existem precedentes como aqueles que eu recordei ao início, quando a tradução se torna por si mesma um ato político e este ato político deve ser realizado levando em conta os precedentes de notável importância.^{xix} (CANTIMORI, 1991, p. 311)

Por sua vez, Delio Cantimori já vinha alimentando um forte descontentamento com o fascismo desde a crise do Estado Corporativo, a qual culminou na modificação das leis instrutivas das corporações, em 1934.^{xx} Dentro desse contexto, o intelectual começou a deixar de lado seu modelo de escrita apologético fascista, tão presente nos artigos publicados no periódico fascista *Vita Nova*, para apresentar leituras mais concretas e críticas sobre a realidade italiana.

Nesse tom científico filológico, Cantimori apresentou duas resenhas sobre os livros *Gli Scritti e Discorsi di Benito Mussolini* e *Scritti sul Fascismo*, publicadas na revista *Leonardo*, em 1935.

Na primeira, através de argumentação e exposição de citações, Cantimori desenhou uma imagem, não tão amistosa, de Mussolini como um personagem dominado

por sua vontade de potência, o qual se afirmava como representante do desejo dominador presente na essência do próprio povo italiano, de modo que não havia mais distinção entre a aspiração individual do *Duce* e aquela da nação. Dessa maneira, Mussolini via a História como um espetáculo de grandeza e potência, somente atingidas quando são transportadas do indivíduo ao Partido e à Nação. (CANTIMORI, 1991, p. 578-582)

Na segunda, o intelectual romanholo voltou-se para os tipos de escritos propagandistas sobre as obras fascistas, ressaltando a importância daqueles direcionados para o debate sobre o corporativismo, a história do fascismo e os escritos doutrinários. (CANTIMORI, 1991, p. 588)

O ano no qual publicou esses textos fez parte de um momento de importantes acontecimentos e transformações ideológicas na vida de Cantimori. Em uma correspondência, o intelectual romanholo informava à B. Croce o seu paralelo interesse pelo estudo dos hereges italianos “e algumas pesquisas sobre as ideias de Proudhon e de Marx pré-1848” (PROSPERI, 1992, p. XXXVII), e começava uma relação com Emma Mezzomonti^{xxi} (1903-1969), militante do partido comunista e colaboradora do *Soccorso rosso*, com quem se casou em 1935, quando trabalhava no *Istituto di studi germanici*, (CHIANTERA-STUTTE, 2011, p. 61) tendo uma importante participação na inflexão política do marido do fascismo ao comunismo. (VITTORIA, 2013. p. 16)

A progressiva aproximação entre a Alemanha nazista e a Itália fascista, desde o apoio diplomático na guerra da Etiópia, a tomada de posição antibolchevismo, a parceria na guerra civil espanhola, defendendo a bandeira anticomunista, como queria a direita reacionária católica, e a adesão da Itália ao modelo racista alemão geraram uma profunda decepção no intelectual romanholo.

Agora, o regime de Mussolini se tornava o baluarte anticomunista da Europa e uma das nações expansionistas que alimentava, junto ao nazismo, o ambiente belicista europeu. Contemporaneamente, Delio Cantimori se aproximava de intelectuais dissidentes, os quais deixavam de enxergar o regime com bons olhos e começavam a apresentar veladamente suas críticas ao governo fascismo de Mussolini.

Considerações finais

Após a publicação da coleção de escritos políticos cantimorianos *Politica e storia contemporanea. Scritti 1927-1942*, sob os cuidados de Luisa Mongoni, em 1991,

e a reedição dos *Eretici italiani del Cinquecento*, realizada por Adriano Prosperi, abriu-se uma nova onda de interpretações da trajetória política e intelectual de Delio Cantimori.

Isso ficou evidente com a jornada de estudos sobre Cantimori, realizada pelo *Istituto Gramsci*, a qual gerou uma sessão de artigos publicados pela revista *Studi Storici*, onde os textos se dividiram entre os debates sobre o método analítico cantimoriano e as temáticas dos hereges, Humanismo, Renascimento e Reforma, e as reflexões políticas de Cantimori sobre a Alemanha e o nacional-socialismo, que agora entravam em destaque como questão essencial para um melhor entendimento da trajetória política do intelectual romanholo nos anos de 1930 e 1940.^{xxii} (STUDI STORICI, 1993)

Impulsionado por esses debates, em 1994, Paolo Simoncelli – ex-aluno de Renzo De Felice – lançou sua importante obra, *Cantimori, Gentile e la Normale di Pisa*, na qual expôs um exame profícuo sobre a relação entre Cantimori, seu professor Giovanni Gentile e o ambiente idealista fascista da *Scuola Normale di Pisa*.

Onze anos se passaram e o jornal *Corriere della Sera* estampava acusações incisivas de estudiosos como Eugenio Di Rienzo (2005, p.31), Dino Messina (2005, p.37) e Simoncelli (2005, p.35), entre outros, reivindicando uma maior rigidez nas leituras do pensamento autoritário fascista de Delio Cantimori e da sua – possível – afinidade em relação ao pensamento nacional-bolchevique.

Em concordância com esse discurso, em 2007, foram publicados a obra *Delio Cantimori e la cultura politica tedesca (1927-1940)* de Nicola D’Elia e, no ano seguinte, *Cantimori e o libro mai edito. O movimento nazionalsocialista dal 1919 al 1933*, de Simoncelli, nos quais os autores ressaltaram a existência de uma forte admiração cantimoriana pelo nacional-bolchevismo, com via de confronto ao liberalismo democrático e ao capitalismo, que permaneceu até a *Segunda Grande Guerra*.

Nesse contexto, esses historiadores se viam impelidos em combater a “blindagem ideológica” de Delio Cantimori realizada, após a sua morte, por parte de integrantes da esquerda e pelo seu ex-aluno normalista, (D’ELIA, 2007, p. 10) Adriano Prosperi, o qual rebateu as críticas dirigidas a ele, defendendo a inexistência de evidências cabíveis que pudessem assegurar a aproximação de Cantimori com o projeto político nacional-socialista. (PROSPERI, 2005)

Entretanto, sem optar pela defesa da subjetividade do ex-aluno em suas leituras sobre Cantimori ou por perspectivas partidárias carregadas e inspiradas nas leituras de Simoncelli, é possível identificar abordagens mais pertinentes sobre a trajetória política de Cantimori, como aquelas apresentadas por Roberto Pertici, P. Chiantera-Stutte e Luisa Mangoni.

A partir delas, percebe-se com mais clareza que Cantimori foi sim um fascista entusiasta, ligado à tradição idealista gentiliana, mas que sua crença política fascista se exauriu após assistir o distanciamento entre regime e o ideal cantimoriano de Estado corporativos ético, o qual se embasava em componentes racionais e laico-espirituais.

Não foi inspirado no nacional-bolchevismo ou através do apelo simpático ao nacional-socialismo – como defenderam P. Simoncelli e Nicola D’Elia – que Cantimori passou a depositar sua esperança no Partido Comunista Italiano, como órgão capaz de promover uma reforma social, implantando um novo “sistema de verdade”, um novo mito, um novo humanismo, uma sociedade renovada, (BELARDELLI, 1993, p. 391) na qual se poderia realizar o seu antigo projeto de elevação ético-moral do povo italiano, em oposição ao falido projeto político fascista, agora reacionário, racista, próximo do nazismo, adepto do *Pacto Anticomintern*, baluarte do anticomunismo europeu. (PERTICI, 1997, p. 115 e 123)

Foi sim, a partir da sua concepção ético-política do corporativismo, a qual colocava o fascismo e o bolchevismo como projetos antiliberais bem similares, e por meio da sua relação com sua esposa, Emma Mezzomonti, e seus contatos com integrantes do partido comunista, que Cantimori faria sua adesão ao PCI, permanecendo sempre atento aos prejuízos gerados pelo irracionalismo nazista, e interessando-se, cada vez mais, pelos preceitos igualitários marxistas e pelos políticos jacobinos e reformadores italianos, os quais fomentaram suas reflexões sobre a influência da Revolução Francesa no *Risorgimento italiano*, dando base para o seu segundo livro: *Utopisti e Riformadori italiani (1794-1847)*.

Referências

- BELARDELLI, Giovanni. Dal Fascismo al comunismo. Gli scritti politici di Delio Cantimori. *Storia Contemporanea*. Anno XXIV. n. 3, p. 379-403, 1993.
- CANTIMORI, Delio. Confessione e libero pensiero in Italia e in Germania. *Vita Nova*, III, 1927, p. 598-599. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p. 27-29.

- _____. Germania giovane. Vita Nova, III, 1927, p. 814-15. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p. 30-33.
- _____. Germania giovane: Problemi culturali. Vita Nova, IV, 1928, p. 179-181. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p. 34-37.
- _____. Germania giovane: Conservadorismo. Vita Nova, IV, 1928, p. 292-293. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p. 38-41.
- _____. Germania Giovane: Concenzione dello Stato. Vita Nova, IV, 1928, p. 563-564. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p. 42-45.
- _____. Germania Giovane: Nazionalismo extraparlamentare. Vita Nova, IV, 1928, p. 563-564. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p. 46-49.
- _____. Fascismo, rivoluzione e non reazione europea. Vita Nova, VII, 1931. P 759-763. Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p. 81-87.
- _____. La politica reazionaria di Federico Schlegel. Vita Nova, V, 1929, p. 405-406. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p. 61-64.
- _____. Recensione di Karl Anton Prinz Rohan, *Umbruch der Zeit (1923-1930)*, Stilke, Berlin, 1930. Vita Nova, VII, 1931, p. 155-156. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p. 88-90.
- _____. *Ulrico von Hutten e i rapporti tra Rinascimento e Riforma*. Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa. Classe di Lettere e Filosofia. Vol. XXX, Fasc. II. Pisa. Tipografia editrice pacini Moriotti, 1930.
- _____. L'“Agnes Bernauer” di Friedrich Hebbel e la rappresentazione romantica dello Stato. *Civiltà Moderna*, v. V, p.428-437, 1933; v. VI, p. 51-69, 1934.
- _____. Recensione di Arthur Rosenberg, *Geschichte des Bolschewismus, von Marx bis zur Gegenwart*, Rowohlt, Berlin 1932. R. Leonardo, IV, 1933. p 78-81. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p. 137-141.
- _____. “Nazis”. In: D'ELIA, Nicola. *Delio Cantimori e la cultura politica tedesca (1927-1940)*. Istituto Storico Germanico di Roma & Viella, Roma, 2007. p. 123-129.
- _____. Recensione di Conrad Heiden, *Geschichte des Nationalsozialismus die Karriere einer Idee*, Rowohlt, Berlin 1932. R. Leonardo, IV, 1933. p 125-127. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p. 142-145.
- _____. Recensione di Ernst Bertram, *Nietzsche, assai de mythologie*, Rieder, Paris, 1933. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p. 146-151.
- _____. Recensione di Karl Marx, *Das Kapital*, Kiepenheuer, Berlin 1932 e Id., *Der historische Materialismus, die Frühschriften*, Kröner, Leipzig 1932. Leonardo, IV, 1933, p. 210-211. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p. 152-153.
- _____. Recensione di Hugo Fischer, *Nietzsche Apostata, oder die Philisophie des Ärgermisses*, Verlag Kurt Stenger, Erfurt 1933. R. Leonardo, IV, 1933. p. 357-360.

In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p. 154-159.

_____. Note sul nazionalsocialismo. Archivio di studi corporativi, V, 1934. p. 291-328. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p. 163-191.

_____. Recensione di Ernesto Codignola, Il movimento spirituale dei giovani, Mondadori, Milano 1933. Leonardo, V, 1934. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p.192-196.

_____. Recensione di Karl Barth, *Parole de Dieu et Parole humaine*, Je sers, Paris 1933 e W. A. Visser'T Hooft, Introduction à Karl Barth, ivi, Paris, 1933. Giornale Critico della Filosofia Italiana. XV, 1934, p. 227-233. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p. 200-208.

_____. Ernst Jünger e la mistica milizia del lavoro. Studi Germanici, I, 1935, p. 73-92. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p. 209-225.

_____. Gli discorsi di Benito Mussolini. Leonardo, VI, 1935, p. 97-103. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p. 577-587.

_____. Scritti sul Fascismo. Leonardo, VI, 1935, p. 380-382. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p.588-591.

_____. Recensione di Adolf Hitler, *La mia Battaglia*, Bompiani, Milano 1934. Leonardo, VI, 1935. p. 224-227. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p. 306-311.

_____. Nazionalsocialimo. Dizionario di Politica, III, Istituto della Enciclopedia Italiana, Roma, 1940, p. 250-262. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p. 452-488.

_____. *Utopisti e Riformatori italiani (1794-1847)*. Ricerche storiche. G. C. Firenze: Sansoni, 1943.

_____. Carta. Rivista Itinerari, XV, n 58, giugno 1962. In: CANTIMORI, Delio. *Conversando di storia*. Bari: Editori Laterza, 1967. p. 132-143

CHIANTERA-STUTTE. *Delio Cantimori: un intellettuale del novecento*. Roma: Carocci, 2011.

D'ELIA, Nicola. *Delio Cantimori e la cultura politica tedesca (1927-1940)*. Istituto Storico Germanico di Roma & Viella, Roma, 2007.

DA SILVA, Mario. Basi dello Stato nazional-socialista. *Critica Fascista*. 10, 1 giugno 1932.

DI NUCCI, Loreto. Bottai, Giuseppe. In: *Dizionario del Fascismo*. Torino: Giulio Einaudi editore, 2002. p. 193-198.

DI RIENZO, Eugenio. “Caro Prospero, è questo il vero Cantimori”. *Corriere della sera*, 4, aprile, 2005. p.31.

DINO, Messina. Cantimori. Ultimo intoccabile. In nome dell'ortodossia. *Corriere della sera*, 31, marzo, 2005. p.37.

MALLET, Robert. Grandi, Dino. In: *Dizionario del Fascismo*. Torino: Giulio Einaudi editore, 2002. p. 631-633.

MANGONI, Luisa. L'Europa sotterranea. In: CANTIMORI, Delio. *Politica e storia contemporanea*. A cura di Luisa Mangoni. Torino: Einaudi, 1991. p XIII-XLII.

PARLATO, Giuseppe. Spirito, Ugo. *Dizionario del Fascismo*. Torino: Giulio Einaudi editore, 2002. p. 660.

PETERSEN, Jens. Cantimori e la Germania. *Studi Storici*, anno XXXIV, n. 4. Bari: Dedalo, p. 819-826, 1993.

PERTICI, Roberto. *Mazziniano, fascismo, comunismo: l'itinerario politico di Delio Cantimori (1919-1943)*. Milano: Editoriale Jaca Book SPA, 1997.

PROSPERI, Adriano. Introdurre. In: CANTIMORI, Delio. *Eretici italiani del Cinquecento e altri scritti*. Giulio Einaudi editore, Torino, 1992.

_____. Cantimori nazista e bolchevico: se è vero, fuori le prove. *Corriere della sera*, 17, aprile, 2005.

SIMONCELLI, Paolo. *Cantimori, Gentile e la Normale di Pisa*. Profili e documenti. Milano: Ed. FrancoAngeli storia, 1994.

_____. *Cantimori e il libro mai edito*. Il Movimento nazionalsocialista dal 1919 al 1933. Firenze: Casa Editrice Le Lettere, 2008.

_____. Le sirene totalitarie che ammaliarono Cantimori. *Corriere della sera*, 9, aprile, 2005. p.35.

SPIRITO, Ugo. *Capitalismo e corporativismo*. Firenze, Sansoni, 1933.

VITTORIA, Albertina. La “ricerca oggettiva”: il rapporto fra la politica e la cultura per Gastone Manacorda e Delio Cantimori. Introduzione al carteggio. In: Delio Cantimori, Gastone Manacorda. *Amici per la storia – Lettere 1942-1966*. Roma: Carocci editore, 2013.

Notas

ⁱ Giuseppe Bottai defendia a concepção gentiliana de *Risorgimento* como revolução espiritual interrompida, vendo no fascismo a missão de cumprir esse movimento histórico. Foi um dos principais idealizadores do Corporativismo, não somente como instrumento para harmonizar as classes sociais, mas como organização totalitária capaz de atingir uma nova fase de vida social, se sobrepondo aos preceitos capitalistas até anulá-los. Assim, o corporativismo se posicionava como a “terceira via” que deveria superar tanto o liberalismo como o comunismo. (DI NUCCI, 2002, p. 194 – 197.)

ⁱⁱ Dino Grandi (1895-1988) fez parte do movimento interventista dos Fascios de ação revolucionária, escrevendo pelo jornal liberal-nacionalista *L’Azione*. Inicialmente foi crítico aos *Fasci di Combattimento* de Mussolini, mas em 1920 aderiu ao movimento ocupando cargo na direção nacional do PNF. Sua trajetória política junto ao fascismo foi marcada por críticas e acordos políticos com Mussolini. Com sua habilidade política, Grandi ascendeu hierarquicamente de forma rápida, tornando-se líder do estado maior dos *quadrumviri*, De Bono, De Vecchi, Balbo e Bianchi, os quais foram os responsáveis pela organização da Marcha sobre Roma. No governo de Mussolini, tornou-se Secretário do Interior, Ministro de Negócios Estrangeiros e depois embaixador italiano na Inglaterra, onde conseguiu abrandar os conflitos gerados pela invasão da Etiópia. (MALLETT, 2002, p. 631-633)

ⁱⁱⁱ Il senso della vita delle nuove generazioni è religioso e sociale. Il loro nazionalismo è collettivistico come il loro socialismo. Per una soluzione della situazione disperata nella quale si trova l’Europa moderna bisogna guardare al punto nel quale i due miti Nazione e Classe entrano in urto; di lì noi potremo conquistare, procedendo freddamente, senza invocare miti entusiasmati, il secolo XX. Da quel punto si deve partire per realizzare in politica l’idea corporativa, in politica estera l’idea di un’ampia collaborazione internazionale. La nuova coscienza sociale può creare una forma di società organicamente articolata, nella quale l’individuo rimanga fondamentalmente libero, ma allo stesso tempo sorgano legami che possano risolvere creativamente, da una parte la lotta delle classi, dall’altra i conflitti internazionali.

^{iv} Siamo troppo sicuri di noi, della nostra cultura, della nostra civiltà per dover sempre stare in guardia e in ispavento di fronte a pangermanismi o francofilie e via dicendo, e per temere di venire in più stretto contatto con la vita degli altri popoli. Sappiamo che l’attenzione e la circospezione e la prudenza non sono mai troppe: ma queste non devono divenir pregiudizî sui popoli, sulle nazioni, pregiudizî che servono agli altri per scavare fosse al luogo dei confini, per elevare muri al luogo delle pietre che segnano fin dove è arrivata l’Italia: fosse e muri che isolano, che impediscono di vedere, che impediscono di vivere nel mondo, mentre nel mondo e non più in “casa” noi vogliamo e dobbiamo vivere, per ubbidire al comando del Duce.

^v (...) il gran nemico di questa gente sono gli ebrei, padri naturali del *libero pensiero*, e però ostili alla genuinità del sentimento religioso di questo popolo, che, dopo la sconfitta, sente, nella sua parte più elevata, che solo con un’anima profondamente religiosa potrà risollevarsi a nuova grandezza.

^{vi} Una certa ammirazione e stima che alcuni fra i più intelligenti e vivaci scrittori del Fascismo dimostrano per i modi e lo svolgimento della Rivoluzione russa, derivano proprio da una noia estetica per la

pacchianeria di certi atteggiamenti nostrani, e dalla ammirazione per la sicurezza con la quale i comunisti russi si proclamano e si mostrano rivoluzionariamente intransigenti, senza richiamarsi a principii piú o meno immortale nel passato.

^{vii} Como professor do *Liceo Classico Dettòri di Cagliari*, lecionando filosofia e direito corporativo e incentivado pela curiosidade de seus alunos, Cantimori fez suas primeiras leituras sobre Karl Marx, através do clássico *O Capital*. (CANTIMORI, 1965, p. 140)

^{viii} L’“Arbeiter” dello Jünger non è infatti il “lavoratore” delle varie forme di socialismo, utopico o scientifico, né l’“operaio” organizzato: è invece il “milite del lavoro”, l’asceta costruttore di una nuova società, la cui rununzia ad ogni personale sentimento e ad ogni motivo d’azione individuale, il cui atteggiamento di fronte agli altri uomini e il cui contegno generale posson esser paragonati solo con quelli del “soldato”, del “milite”, come s’è presentato specie verso l’ultima epoca piú meccanica della guerra mondiale.

^{ix} Il “borghese” è guardato con disprezzo perché è l’uomo che “assume la sicurezza come uno dei valori supremi, e determina di conseguenza il suo modo di vivere”: è l’uomo decadente e vile disprezzato dal Nietzsche, dal Marx, Junker Otto von Bismarck.

^x Gustav Stresemann foi um político da Republica de Weimar, ganhador do prêmio Nobel da paz por ser um dos principais responsáveis pelo Pacto de Locarno, em 1925, com o objetivo de manter a paz e organizar as fronteiras alemãs com as nações vencedoras da I Guerra Mundial, e pela entrada da Alemanha na Sociedade das Nações.

^{xi} O Mito do III Reich foi definido por Cantimori como uma entidade imanente irrealizável a ser atingida pela nação alemã. Este mito teria sua origem com a queda do Sacro Império Romano Germânico, ressurgindo após a queda do Segundo Reich de Bismarck, minado pelo frágil patriotismo da Era Guilhermina e arruinado pela Guerra e a revolução. No juízo de Cantimori, com o mito do Terceiro Reich, a nação alemã buscava criar um império formado por todos alemães, com um Estado guiado por uma elite aristocrática. Entretanto, a questão positiva deste mito, na leitura do jovem romanholo, não seria aquilo que queria fazer, mas sim o aquilo que queria combater: a burguesia, o nacionalismo chauvinista e a democracia. (CANTIMORI. In: D’ELIA, 2007, p. 125)

^{xii} Como enfatizou Luiza Mangoni, em quatro de abril de 1932, Cantimori já havia projetado, junto à Federico Gentile, uma possível tradução do livro de Heiden pela editora *Sansoni*, convicto que a obra seria útil para esclarecer as ideias em relação ao movimento nacional-socialista alemão. (MANGONI, 1991, p. XXXIII). Segundo D’Elia, a proposta estava em voga ainda na carta enviada por Cantimori à F. Gentile, em oito de fevereiro de 1934, na qual o intelectual se dispunha a deixar seu trabalho de tradução dos textos de Carl Schmitt e empenhar nesse novo projeto. Entretanto, o sequestro na Alemanha do livro de Conrad Heiden fez com que Cantimori abandonasse essa ideia. (D’ELIA, 2007, p 66)

^{xiii} Hitler divenne il duce maggior partito della Germania, ma non del partito ch’egli voleva... Così si potrà dubitare se potrà riuscire al Nazionalsocialismo quel che è súbito riuscito al Fascismo: la formazione di un Regime, cioè di una potenza statale, portata dalle forze determinante della Nazione.

^{xiv} Ora, non si può ancora chiaramente distinguere se il sentimento nazionale dei tedeschi avvilito ed offeso abbia avuto ed abbia nella Rivoluzione nazionalsocialista una funzione in prevalenza maieutica nei riguardi di questo desiderio di riforma sociale, di questo bisogno di ricostruzione politica, di affermazione di una nuova “Weltanschauung”, o se tutte queste affermazione, aspettative, speranze, se tutti questi progetti, stiano in funzione, prevalentemente, della represa nazionalistica ed espansionistica della Germania, della sua “révanche”. Né si può ancora discernere con precisione se il fervore di rinnovamento sociale e nazionale stia in semplice funzione ideologico-propagandistica di uma reazione del capitalismo industriale-agrario tedesco allo slancio di conquiste operaie e popolari degli ultimi decenni, reazione che si fonderebbe col motivo di rivendicazione nazionalistica di fronte alle altre potenze europee, o se a lor volta i motivi nazionali e tradizionali nascondono un distacco completo e totale dalla concreta tradizione storica della Germania moderna, bismarckiano-guiglielmina, prussiana.

^{xv} Era naturale che nella Germania, paese teologico, e nella Germania del dopoguerra, ricca di sette, di nuovi misticismi, di movimenti sentimental ed irrazionalistici come forse solo negli anni che accompagnarono e precedettero la violenta manifestazione religiosa luterana del bisogno di rinnovamento e di reforma della vita sociale in genere e della sua specie ecclesiastica in particolare, questo contrasto assumesse forma ed aspetto teologico e religioso.

^{xvi} Date le teorie razzistiche e le loro conseguenze “socialistiche” le manifestazioni di sentimenti e risentimenti sociali dovevano di necessità rivolgersi contro lo “straniero” “borghese” (come vien sempre rivelato nella propaganda ufficiale nazionalsocialista) o “dissolvitore dell’unità völkisch” e quindi in sostanza ostacolo alla realizzazione del “deutsches Sozialismus”. L’ antisemitismo tedesco odierno è insomma nella sua sostanza uma delle forme, che qui non giudicheremo, con le quali si manifestano, sai pure deviate su binarî morti, le aspirazioni e i risentimenti social nella Germania odierna, nazionalsocialista.

^{xvii} Para um melhor esclarecimento daquele evento, Cantimori indicou uma interpretação contraposta à sua, presente no texto de Mario Silva, *Lettera dalla Germania*, publicado em novembro de 1934, na revista *Critica Fascista*, que segundo D'Elia, enxergou os acontecimentos de trinta de junho como a consagração do Estado sobre o primado revolucionário, deixando-o sob os interesses dele próprio. Sendo assim, o nacional-socialismo teria saído reforçado de uma grave crise, solucionando as incompatibilidades nazistas de movimento e de Estado. (D'ELIA, 2007, p. 76.)

^{xviii} A volte, a leggere certa letteratura politica o pseudopolitica, ma non perciò meno diffusa, meno letta e meno assorbita dagli ignari, afferra violenta la tentazione: lasciamo di occuparci di questa gente, che non vale nulla, che confonde l'interesse degli uomini di cultura alla vita nazionale con quel "nationales Kitsch" che l'abilissimo ministro Goebbels ha già da tempo proibito, di questi esseri anacronistici di queste "mezze culture". Ma poi giriamo per le strade e vediamo questi scritti nelle librerie, nei chioschi delle stazioni, li vediamo letti dai giovani, li vediamo a volte discussi con serietà: ed allora pensiamo che qualcosa ci debba pur essere sotto quelle valanghe di parole e di insolenze, sotto quelle rievocazioni di costumi passati, sotto quelle esaltazioni pei misticismi a freddo. Qualcosa di non ben definito, né definibile, che sotto le apparenze rozze ed ingenuie si fa strada sempre più, ed incalza: il filosofo forse lo ridurrebbe all'irrazionalità, il politico lo chiamerebbe reazione, in verità non si sa bene che cosa sai. Ma pericoloso è certo, per la sottigliezza con la quale sa sempre porre i suoi avversari in istato d'accusa, come tiepidi incerti, "bestie intellettuali", di fronte alla sua teocratica sicurezza di fede, al suo entusiasmo riscaldato a bianco, proclamato sfacciatamente: rozzamente sí, ma non ingenuamente, e con una conseguenza di decisione, con una volontà permanente se pur non chiara, che non sono affatto da trascurarsi, né da sottovalutare. Dietro gli entusiasmi per l'aristocrazia e per la teocrazia di Adamo Müller sta pure il segretario del Metternich. Adam Mueller era rozzo e ingenuo, benché sapesse destar l'entusiasmo delle dame nei salotti, ma il Metternich era abile e forte, ed era anche un saggio e grande politico. Non basta avermostrato la vanità dell'argomento dell'avversario, perché l'avversario non esista più. Specialmente quando questo avversario offre argomenti facili e lusingatori alla pigrizia delle masse ed ai timori ed ai rancori dei singoli.

^{xix} La traduzione di un autore famoso è sempre cosa difficile. Ma quando questo autore è un uomo politico, vivente, in una posizione politica eccezionale, la cosa diventa anche più difficile e delicata. Delicatissima diventa poi quando ci sono precedenti come quelli che ho ricordato all'inizio, quando cioè la traduzione diventa per se stessa un atto politico, e questo atto politico deve essere compiuto tenendo conto di precedenti di notevole importanza.

^{xx} Muitos dos estudiosos advertiram que 1934 seria o ano da mudança política italiana. Realmente, nesse contexto, ocorreram questões importantes para essa transformação, como a Lei instrutiva das corporações, que gerou forte insatisfação entre os idealizadores do corporativismo fascista. Como consequência, ocorreu uma verdadeira diáspora de intelectuais que defendiam o ideal corporativo, próximo ao daquele do ex-ministro Bottai – que, em 1952, veio a afirmar que, naquele momento, "o corporativismo entendido como sistemática tendência a uma ordem qualificada pela corporação acabou" – e do filósofo Ugo Spirito, que teve seus estudos interrompidos, perdeu sua cátedra pisana de política e economia corporativa e foi transferido para o Magistério de Messina, por ser considerado defensor do "bolchevismo". Fruto dessa crise política e filosófica, o mesmo Spirito lançava, em 1937, seu livro *La vita come ricerca*, no qual deixou claro seu abandono do fascismo e do pensamento atualista. PERTICI. Op. cit. 1997. p. 116.

^{xxi} Emma Mittempergher era alemã e, após seu casamento com Delio Cantimori, teve seu sobrenome italianizado como Mezzomonti. (VITTORIA, 2013, p. 16)

^{xxii} Parteciparam A. Prospero, Massimo Firpo, Giovanni Miccoli, Antonio Rotondò, Silvana Seidel Menchi, Corrado Vivanti, Bruno Bongiovanni, Enzo Collotti e Jens Petersen.